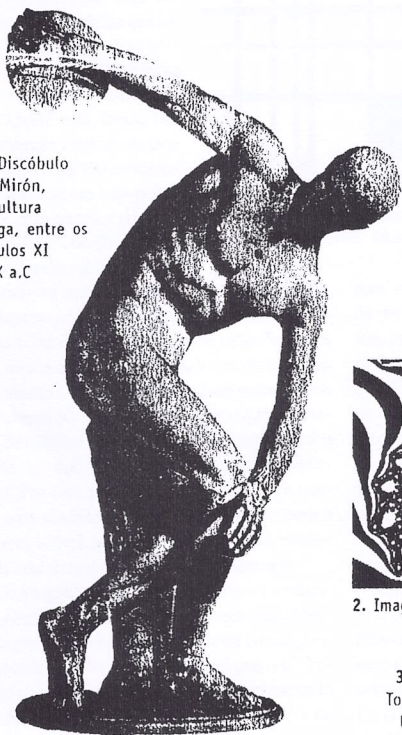


Arte para todos

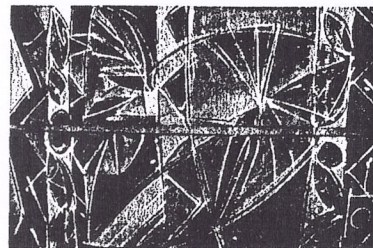
Arte imita a vida ou a vida imita a arte?

1. Discóbulo de Mirón, escultura Grega, entre os séculos XI e IX a.C.

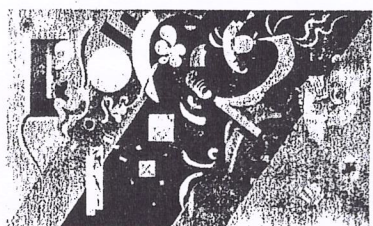


2. Imagem fractal

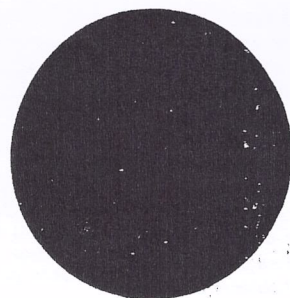
3. A incredulidade de São Tomé - 1601-02; óleo sobre tela, 42 1/8 x 57 1/2 in; Neues Palais, Potsdam



4. Waterlilies, Green Reflection, Left Part - 1916-1923; óleo sobre tela Orangerie, Paris



5. Composição IX - 1936 (120 Kb); óleo sobre tela, 113.5 x 195 cm (44 5/8 x 76 3/4 in); Musée National d'Art Moderne, Centre Georges Pompidou, Paris



6. Círculo preto - [1913] 1923-29; óleo sobre tela, 105.5 x 105.5 cm (41 1/2 x 41 1/2 in); State Russian Museum, St. Petersburg

parte da cultura humana no futuro só o tempo dirá, mas o direito de fazer e vivenciar a arte é de todos.

Questão de cultura

O céu azul é invadido por nuvens que se movimentam pela força do vento. Formas arredondadas vão surgindo, de repente é possível reconhecer a cabeça de um cavalo, que aos poucos se transforma em dinossauro, e que vai lentamente voltando a ser nuvens, moléculas de água em estado gasoso, que deixam de ser figura e agora são abstração.

Nas artes visuais temos um embate estético entre a representação da realidade, e a tentativa de abstrair as formas e as linhas gerando imagens que não se relacionam com a imitação da natureza. A cultura ocidental, herdeira da cultura clássica da Grécia, tem na figura, principalmente na construção da figura humana, seu modelo de desenvolvimento plástico. As culturas orientais, notadamente as muçulmanas, não representam qualquer forma reconhecível na natureza, pois, como reza a sua religiosidade,

Atualmente existe uma arte construída a partir de equações matemáticas geradas, numa progressão ao mesmo tempo regular e caótica, por computador conhecidas por arte Fractal (imagem 2). São abstrações virtuais, representações em forma e cores da combinação de números, que torna presente o remoto pensamento pitagórico.

Quando pensamos nas culturas religiosas, principalmente no cristianismo difundido no ocidente, também se encontra o conflito religioso com relação à representação da natureza. Esse problema é solucionado com o uso das imagens, pelo catolicismo, para a educação religiosa. É dessa maneira que se inicia todo um período medieval europeu com foco na representação ilustrativa das passagens bíblicas, sendo seu ápice o renascimento. No período renascentista busca-se a máxima perfeição da representação, voltando aos valores clássicos dos antigos gregos. A

gramática visual que não busque simplesmente representar uma realidade objetivada no mundo visível. Os trabalhos produzidos não terão mais um título, ou não farão alusões a nada reconhecível no mundo real. Como exemplos temos o quadro *Composição IX* (imagem 5). Este caminho aponta para uma geometrização, o que se difere do procedimento mais fluido de Monet. Outro artista que vai fundo nos elementos que compõem a linguagem plástica é o Russo Kasimir Malevich, realizando em 1913 o quadro *Círculo preto* (imagem 6), onde podemos observar apenas o estudo formal da relação cromática de oposição entre a cor branca e a cor preta, e a tensão gerada pelo quadrado da tela em relação ao círculo deslocado na composição. Numa pesquisa plástica muito próxima à de Malevich, o artista holandês Piet Mondrian cria uma série de trabalhos inspirados nas linhas e ângulos retos

eza, que é criação de Deus.

Para o filósofo grego Platão, a realidade que vemos é uma projeção de um mundo ideal, e, portanto é carregada de distorções. Para explicar isso,

Platão no livro A República, elabora uma metáfora comparando o mundo em que vivemos a uma caverna, habitada por pessoas que jamais sairão da escuridão, havendo somente uma entrada luz que ilumina o ambiente de fora para dentro. De dentro da caverna se vê a projeção do mundo de fora. Quem está dentro fica observando sombras de pessoas que vem e vão carregando objetos de um lado para o outro, mas nunca é possível apreender o todo da imagem. Desse modo, quem está na

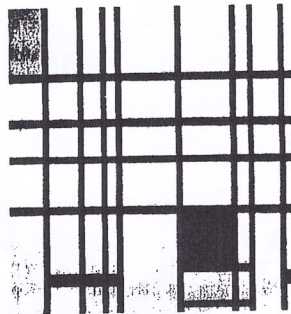
caverna vive tentando imitar o comportamento das sombras projetadas em sua parede, mas nunca consegue viver de fato como os que estão fora. Por isso, na sua concepção, qualquer tentativa de imitar natureza é errônea e só gerará um mundo falso e inverossímil. Platão acredita que o que chamamos de realidade é uma ilusão, e que reproduzir o que vemos apenas resultará em produtos imperfeitos. Por isso, para o filósofo, a arte deve possuir uma verdade imaterial, sem simetria com a natureza visível, alguns o colocam como o ideólogo da arte abstrata devido a esse pensamento.

Outro grego importante, quando o é a estética é Aristóteles, que desenvolve toda sua filosofia segundo o princípio da *mimesis* (imitação). Aristóteles, no livro A Poética, diz que o ser humano aprende por meio da imitação, invertendo o conceito de Platão e valorizando a idéia de construção do conhecimento a partir da natureza das coisas e das relações entre os homens.

Outro filósofo, anterior a Platão e Aristóteles. Pitágoras pensa o universo a partir da matemática. Para ele toda a construção parte do simbolismo dos números, por exemplo: o número um, é o ponto, o número dois é a linha, três a superfície, quatro o volume.

O pensamento grego aponta para várias direções quando o assunto é arte, mas a relação com a representação do ser humano é fundamental. Sendo uma cultura pagã, é na Grécia que se desenvolve o culto pela beleza do homem. Os feitos épicos das guerras, ou os heróis Olimpíadas são eternizados em esculturas e pinturas como exemplos do bem, do bom e do belo. A matemática é aplicada na proporção das partes, no equilíbrio das formas, na simetria da figura. A escultura do *Discóbolo* (imagem 1), nos mostra um pouco desses ideais clássicos.

guida, e, muito embora esse período seja extremamente idealista, há momentos de tensão. Por exemplo, um artista como o italiano Caravaggio tenta romper com um ideal de beleza, usando de um tipo de realismo fortíssimo, o artista coloca em cena figuras que não são exatamente belas. No quadro, *A incredulidade de São Thomé* (imagem 3), ele exclui qualquer desvio de atenção para o fundo da composição, escurecendo tudo em volta das figuras. Neste quadro, penas a imagem do Cristo ressuscitado não é suficiente, é necessário que o santo toque no messias, para acreditar no que seus olhos vêem.



7. Composição vermelho, amarelo, azul - 1921; óleo sobre tela, 39 x 35 cm

A arte abstrata no ocidente demora a fazer parte da cultura visual. Primeiro há as representações fiéis da realidade, que se convertem em arte religiosa, idealizada pela beleza das formas humanas. Esse realismo vai aos poucos mostrando não somente o belo, mas figuras do mundo real, com todos os seus defeitos e imperfeições humanas, distanciando-se de uma figuração idealista. Depois há uma aproximação da arte para com o homem comum, chegando até uma arte de cotidiano, que surge rompendo com valores da arte clássica.

Durante o século XIX, frente a todas as inovações tecnológicas trazidas pelo movimento cientificista, inclusive com a invenção da fotografia, levam os artistas a buscarem outras formas de expressão. Artistas como Claude Monet, passam a executar uma pintura rápida, quase como um clique de uma máquina fotográfica. Os críticos da época chamam esse modo de pintar de impressionismo. Monet passa toda a vida desenvolvendo um estilo que vai dando sinais de uma abstração latente. Já velho, com dificuldade de enxergar, Monet pinta diversas telas com motivos de plantas aquáticas, como em *Waterlilies, Green Reflection* (imagem 4), onde a figuração é quase abandonada pela abstração da imagem. Esse estilo de representação abstrata será mais tarde chamado de abstracionismo informal, ou lírico, pois possui toda uma pincelada solta e com muitas nuances de coloração e gesto.

Outras correntes abstratas surgem no início do século XX, sendo um dos representantes fundamentais do abstracionismo o pintor e teórico russo Wassily Kandinsky. Esse artista produz a sua obra em constante diálogo com a linguagem musical. Kandinsky em suas pesquisas valoriza os fundamentos da linguagem plástica, ou seja, preocupa-se com as formas e as cores no espaço, e com todas as possíveis relações de uma

batiza de Boggie-woggie. Mondrian reduz a composição às cores básicas, vermelho, amarelo, azul, preto e branco, e a formas quadradas e retangulares, como na obra *Composição em vermelho, amarelo e azul* (imagem 7). Essa composição gera todo um movimento e uma agitação na retina do espectador a partir do básico da linguagem plástica. Esse programa de abstração é chamado de construtivista, ou geométrico, e busca uma racionalização e objetivização da arte.

Em oposição ao formalismo construtivista está a corrente do expressionismo abstrato, surgida depois da segunda guerra mundial, também chamada de pintura de ação. Os artistas que começam a praticar esse tipo de pintura se inspiram nas teorias surrealistas, onde o inconsciente é que deve agir. O gesto é o que importa nesses trabalhos. A tinta gotejada, espirrada na tela deve traduzir um estado de espírito livre, um comportamento de pré-linguagem, quase primitivo. Há um controle do gesto, uma opção pela cor que será usada, uma atitude de artista, mas o acaso é parte fundamental do expressionismo abstrato. O pintor Jackson Pollock é o mais conhecido artista dessa linhagem, fazendo obras em grande formato onde camadas e camadas de tintas vão sendo aplicadas na tela que fica estendida no chão, gerando uma espécie de galáxia colorida. Exemplo de sua obra é *Número 8* (imagem 8), trabalho típico da pintura de ação, executada sob o improviso do Jazz (estilo musical que Pollock ouvia enquanto pintava), e que traz uma teor cósmico do movimento cósmico da natureza.

Qualquer um pode fazer arte?

Até hoje se discute, diante de uma obra abstrata, a capacidade que qualquer pessoa teria de executar o quadro. Ou também existe a questão da incompreensão, como se a obra de arte precisasse ser narrativa ou entendida pela razão. A idéia de que o artista é

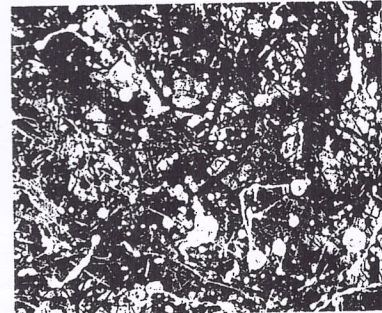
um ser dotado de um Dom divino está muito associada justamente à produção de imagens realistas. A arte pode ser feita por qualquer pessoa, seja a obra figurativa ou abstrata. Agora o que deve ser perguntado é: o que é que faz de alguém um artista? A opção por ser artista é uma opção de vida que desencadeia uma série de outras implicações práticas. Um artista precisa fazer arte, precisa escolher sua tela, de que tamanho ela será, que tinta usará, que cores, e daí em diante seguir nas suas criações. Se essa obra será exibida ou fará

entre o mundo ocidental e o mundo árabe, por exemplo, há uma oposição muito forte entre a adoração e o repúdio da imagem. A arte imita a vida ou a vida imita a arte. Num contexto como o atual, onde a vida em tempo real é entretenimento, essa questão se mostra numa via de mão dupla. Nossa sociedade vive permeada por imagens que vendem produtos, ditam padrões de beleza, elegem políticos e fazem cabeças por meio de idolatria. O atentado de 11 de setembro em Nova York ataca justamente uma construção simbólica de poder. O signo fálico de autoridade masculina das torres gêmeas, denotando todo o poder financeiro e político dos Estados Unidos da América do Norte, cai por terra e é transmitido ao vivo para os televisores do mundo todo. Naquele instante, o Superman é só representação, pura imagem idealizada a colonizar o mundo, sem poder ser real e presente para evitar a destruição do WTC. No ataque às torres não há o rosto de nenhum herói, ou vilão, não há identidade, apesar de um Osama Bin Laden que aparece como culpado sem nem sequer sabermos se ele existe. As imagens da ação terrorista não foram vendidas no cinema, mas veiculadas por satélite e de graça. E desde então, um conflito cultural com pano de fundo econômico, toma conta do debate universal sobre as visões diferentes de mundo de cada povo.

A lógica da imagem nos faz compreender os elementos que nos inserem a uma cultura. A abstração nos conduz a pura sensação, ao puro jogo

das formas e das cores, afinal de contas não há nada além de pura subjetividade quando escolhemos no guarda roupa uma camisa amarela ao invés de uma preta. Às vezes é preciso questionar os ícones, os ídolos, os mitos, como também às vezes é preciso observar se há conteúdo na forma. Mais do que ser entendida, a arte é para ser discutida, tor-

nando vivas interpretações e ações no mundo que construam uma humanidade melhor.



8. Number 8, 1949 (detail) 1949 (280 Kb); Oil, enamel, and aluminum paint on canvas; Neuberger Museum, State University of New York

Evandro Carlos Nicolau
É educador do Museu de Arte Contemporânea da
Universidade de São Paulo

P.S. Dê sua opinião, tire dúvidas e vamos discutir sobre os textos publicados. Escrevam para o e-mail e trocemos idéias sobre a arte.
e-mail: arteptodos@yahoo.com.br